



Giovanni Castagneto: Um estudo sobre as obras *Marinha com barco* (1895) e *Paisagem com rio e barco ao seco em São Paulo 'Ponte Grande'* (1895)¹

Helder Oliveira

Mestrando em História da Arte IFCH (UNICAMP)

Assistente de Coordenadoria (MASP)

O tema deste estudo é o pintor Giovanni Battista Felice Castagneto (1851-1900) e sua produção de marinhas.² Dentro do panorama da produção de pintura de marinha do artista tomarei como ponto de partida para tal empreitada, duas obras produzidas em 1895: *Marinha com barco* e *Paisagem com rio e barco em São Paulo 'Ponte Grande'* ambas pertencentes ao acervo do Museu de Arte de São Paulo "Assis Chateaubriand" (MASP).³

A pesquisa é norteada por três questões principais: (1) entender a passagem de Castagneto por São Paulo em 1895 e que tipo de relações teria estabelecido com as obras de Benedito Calixto (1853-1927), Pedro Alexandrino (1864-1942) e Almeida Júnior (1850-1899);⁴ (2) verificar a hipótese dessas obras fazerem parte de uma possível série onde o tema recorrente são *botes* e *barcos ao seco*; e (3) estabelecer as diferenciações entre Castagneto, Emile Rouède (1848-1908), Eduardo De Martino (1838-1912), Gustave James (18?-1885)⁵ dentro da tradição de pintura de marinha no Brasil.

¹ Esta comunicação trata da pesquisa de mestrado em História da Arte (IFCH-UNICAMP) que faço desde março de 2004 sobre Giovanni Castagneto pintor italiano radicado e atuante no Brasil no século XIX. Trata-se de uma pesquisa sobre a produção de marinhas desse pintor, em especial *Marinha com barco* (1895) e *Paisagem com rio e barco ao seco em São Paulo 'Ponte Grande'* (1895) ambas pertencentes ao MASP. O estudo aqui proposto pretende desenvolver questões ainda não discutidas sobre a produção pictórica de Castagneto em São Paulo, sobre a possibilidade de este produzir séries de pinturas e a relação do pintor com a tradição de marinha no Brasil. Portanto, questionamentos apontados por vários autores, mas ainda não desenvolvidos a respeito do artista.

² Identifico *marinha* como aquela representação pictórica que se ocupa de cenas marinhas como mares, praias, navios, portos e combates navais, além de abranger também cenas ribeirinhas, como rios, lagos, cascatas, enfim, toda produção artística que faça referência central ao elemento água (MORAIS, 1995: 12). Este tipo de produção tem uma longa tradição, pois ao longo dos séculos, o mar, ora calmo, ora tempestuoso, foi sempre assunto e dele vieram se ocupando artistas anônimos e reconhecidos como Vermeer, Van de Velde, Turner, Courbet e Boudin, entre outros (RIBEIRO. In LEVY, 1982: p. 15-16).

³ No acervo desta instituição existe ainda uma terceira pintura desse mesmo autor chamada *Salva de grande gala na Baía do Rio de Janeiro* (1887). Porém, como ficará explícito mais à frente, ela será tratada de maneira complementar a pesquisa das duas obras citadas.

⁴ Esse assunto será desenvolvido mais à frente.

⁵ Esses três pintores são importantes expoentes da pintura de marinha do círculo de Castagneto no Rio de Janeiro.

Paralelamente, executo uma catalogação das obras de marinhas produzidas pelo artista⁶ relacionadas ao tema *botes e barcos ao seco*, com o intuito de analisar detalhadamente o conjunto de criação das obras estudadas abarcando as transformações técnicas empregadas pelo artista para a construção pictórica de suas obras.

Muito já se estudou sobre a importância de Castagneto⁷ para a paisagística nacional, ao construir uma concepção de marinha que abandonou os padrões acadêmicos de pintura de paisagem disseminados pela AIBA, tanto na técnica quanto na temática. Na técnica, ao utilizar a pintura *en plein air*, característica de seu aprendizado com Georg Grimm (1846-1887)⁸. E na temática, ao construir uma paisagem marinha que não é cenário de uma pintura histórica ou retrato, nem possui um caráter de documento a respeito da paisagística brasileira. Mas estudos que aprofundem o período em que o artista esteve em São Paulo e Santos, a relação do artista com a tradição de pintura de marinha no Brasil e a possibilidade da existência de *séries* na produção do artista são, praticamente, inexistentes. A pesquisa aborda essas questões e pretende dar subsídios para um novo olhar sobre a produção de Castagneto.

Nas obras *A Arte Brasileira* (1995) e *Graves & Frívolos* (1997), Gonzaga-Duque escreve de maneira apaixonada sobre a cumplicidade do artista com o mar, sua sensibilidade de poeta para pintá-lo e do caráter rebelde e boêmio do artista que não tinha preocupações 'mundanas', um artista que não se preocupava com as maneiras compreendidas como 'corretas' de se comportar ou viver da época: "Como artista ele sente, por uma maneira originalíssima, maneira de que só ele possui o segredo, todos os enlevos, toda a poesia das vagas." (1995: 198) E, acrescenta: "E como o mar, a sua pintura é forte e é doce, é rápida e é vagarosa, tem asperezas e tem carícias, parece transparente e parece compacta, brilha e se entenebrece". (GONZAGA-DUQUE, 1995. p.198).

Esse crítico nos apresenta os principais caracteres de Castagneto. Suas análises das obras tornaram-se a voz corrente sobre o autor até a contemporaneidade. Pouco se modificou ou se acrescentou às análises de Gonzaga-Duque a respeito das pinturas de Castagneto.

Carlos Roberto Maciel Levy em *Giovanni Battista Castagneto 1851-1900: o Pintor do Mar* (1982) faz um importante levantamento da produção artística do pintor. Nesse trabalho consta uma catalogação resumida das obras do artista, bem como uma biografia, um agrupamento de trechos de críticas à respeito da produção artística de Castagneto e um dossiê científico sobre sua técnica de pintura. Levy acaba por construir um ótimo panorama sobre Castagneto, pois, através de sua catalogação de obras do pintor, ele reúne um contingente importante de material e referências sobre o artista, trazendo uma análise necessária sobre sua técnica de pintura que ainda está por ser interpretada. Assim ele acaba por abrir caminhos para possíveis estudos a respeito de Castagneto. Como, por exemplo, as questões que trato em meu estudo.

⁶ Desenvolverei um levantamento de sua produção pictórica de marinhas relacionadas ao tema *bote e barco ao seco*, para melhor compreensão tanto das técnicas empregadas para a construção, quanto das temáticas que são tratadas de maneira *sui generis* dentro da tradição de pintura marítima na história da arte no Brasil. Levantando similitudes entre os dois quadros e sua continuidade com as outras telas do mesmo autor. A catalogação ajuda na percepção sobre a produção do artista ao longo do tempo, pois confronta as diferenças entre as obras (experimentações e soluções dadas ao longo do tempo). O arrolamento prévio sobre toda a produção do pintor feita até o momento, apresentou aproximadamente 56 (cinquenta e seis) obras que possuem características extremamente similares tanto do ponto de vista temático (barcos encalhados, botes a seco etc.) quanto da composição (embarcações abandonadas e muitas vezes solitárias).

⁷ Lembremos, por exemplo, de Gonzaga-Duque que escreve sobre o artista em *A Arte Brasileira* (1888) e lhe dedica um capítulo em *Graves & Frívolos* (1910). E, mais recentemente, de Carlos Roberto Maciel Levy em *Giovanni Battista Castagneto 1851-1900: o Pintor do Mar* (1982).

⁸ GRIMM, Georg que lecionava a cadeira de paisagem da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA), foi o primeiro a lecionar a pintura *en plein air*.

Marinha com barco e Paisagem com rio e barco em São Paulo 'Ponte Grande': a passagem de Castagneto por São Paulo e Santos em 1895, e possíveis contatos com outros artistas

Um novo estudo sobre a passagem do artista por São Paulo e Santos possibilitaria trazer novas propostas para a compreensão das obras de Castagneto relacionadas ao período de 1895, principalmente, sobre as obras pertencentes à coleção do MASP e poderiam estabelecer analogias entre as obras produzidas no Rio de Janeiro e a pintura de paisagens realizadas em São Paulo.

A vinda de Castagneto para São Paulo em 1895 destaca o caráter original da produção do artista na cidade: as pinturas realizadas a beira dos rios paulistas. Esses trabalhos utilizam os mesmos elementos que "alimentavam" as suas obras no Rio de Janeiro, a água e o barco. Ou seja, Castagneto não abandona a sua característica como pintor de marinhas, mesmo numa cidade que não tem mar. Ao contrário disso, faz experimentações sobre o tema tornando o rio, particularidade da cidade, personagem do diálogo com o barco.

As obras *Marinha com barco e Paisagem com rio e barco ao seco em São Paulo 'Ponte Grande'*, são assim excelentes meios de obter subsídios para o entendimento e, mesmo, reconstituição do período em que o artista passou por essas cidades paulistas, sobretudo, para esclarecer duas questões que darão melhor compreensão da sua produção no período e da inserção de São Paulo como mercado do pintor: (a) as poucas obras comprovadamente feitas em São Paulo e Santos identificadas, segundo levantamentos feitos até agora e, (b) os fatos divergentes em relação as datas da ocasião em que Castagneto passou por terras paulistas.⁹

Outro fator importante a ser estudado diretamente ligado a esse período é o possível contato de Castagneto com obras de artistas atuantes em São Paulo e Baixada Santista no período. Inicialmente, nos levantamentos feitos na pré-pesquisa deste estudo, os artistas mais prováveis para se pensar nessa hipótese são: Almeida Júnior, Benedito Calixto e Pedro Alexandrino. Esses três autores são contemporâneos e ativos em São Paulo no mesmo período em que Castagneto está na região. Além disso, Almeida Júnior se destaca como importante ponto de comparação por suas paisagens do interior de São Paulo, o mesmo acontecendo com Pedro Alexandrino. E Benedito Calixto se destaca por uma produção pictórica de marinhas da Baixada Santista.

Plausível série *Botes e Barcos ao Seco*

Almejo verificar os quadros escolhidos como base de estudo sobre a plausível série de *Botes e Barcos ao Seco*. Através de um breve levantamento foi possível perceber que há uma grande quantidade de obras que, num primeiro momento, caracterizam um exercício do pintor sobre um mesmo tema. Esse exercício se inicia, provavelmente, antes mesmo de sua ida à França e segue até após a sua estadia em São Paulo.

As pequenas embarcações dos pescadores deixadas nas praias quando não estavam em uso, foram motivos de inúmeras pinturas de Castagneto. Os botes ou barcos ao seco como ficaram conhecidos nos títulos de suas obras, são pinturas que o artista representou de maneiras diferentes, experimentando tonalidades, composições e pinceladas que nos dão pretexto para pensar numa produção que poderia caracterizar uma *série*. Segundo HOUSE (1986) *série* não é apenas a pintura de um mesmo tema. O autor destaca que a produção artística deve ser também concebida e executada concomitantemente e esta deve ser exibida conjuntamente. Portanto, a *série* pode ser caracterizada como um conjunto de obras que possui, em certa medida, uma homogeneidade do ponto de vista técnico conformando um conjunto que se inter-relaciona intimamente. A utilização dessa definição de *série* é uma hipótese que levanto para se pensar a recorrência dos *botes* ou *barcos ao seco* presentes

⁹ Não se sabe ao certo se entre a primeira e a segunda exposição em São Paulo, o pintor retorna ou não ao Rio de Janeiro. Nas leituras feitas até o momento, há tanto uma versão que afirma que ele volta, quanto outra colocando que Castagneto permanece em São Paulo.

na produção do artista, já que esse mesmo autor coloca uma outra definição que tem como base a idéia de motivo, na qual motivo não é a mesma coisa que tema. Motivo é compreendido como um tema que alude tanto o ponto de vista da representação quanto da construção técnica da obra. Desta forma, esta última definição de série é a que melhor se aproxima da maneira como tratarei as obras *Botes e Barcos ao Seco* de Castagneto: “Os botes a seco de Castagneto ultrapassam os limites de gênero, atingindo, não raro, o domínio da expressão lírica” (MIGLIACCIO, 2000: p. 130).

A partir das obras, *Marinha com barco* (1895) e *Paisagem com rio e barco em São Paulo ‘Ponte Grande’* (1895) – que poderíamos incluir dentro de possíveis séries distintas – pretendo estudar como as construções pictóricas de temas similares podem nos dar acesso ao desenvolvimento estilístico do autor, isto significa perceber como se dão as motivações e modificações na composição dos quadros a partir de experimentações ao longo da carreira artística de Castagneto. Portanto, analisar as questões sobre composição, cor, pincelada, suporte, tamanhos a partir de uma comparação interna – comparar entre si obras do mesmo autor se faz extremamente necessário.

Desta maneira, a pesquisa aqui apresentada tem como escopo as intenções do pintor para uma produção de marinhas que não se caracteriza pela representação de grandes eventos históricos, nem representação documental sobre a paisagem, ao contrário, procura seu tema em coisas mais simples, como os barcos de pescadores em recantos paisagísticos. Essa característica nos leva a intuir sobre um forte elemento subjetivo do artista como fonte de recursos criativos, portanto, a pintura desses barcos serve como meio de expressão subjetiva.

Contextualização das diferenciações entre Castagneto, Eduardo De Martino (1838-1912), Gustave James (18?-1885), Emile Rouède (1848-1908) e a tradição de pintura de marinha no Brasil

A contextualização artística da produção de Castagneto se faz necessária para a demonstração da importância de sua produção para a história da arte no Brasil. Uma comparação entre a produção pictórica dele e as de Rouède, De Martino e James podem nos apresentar um panorama da tradição de pintura de marinha no país. Assim, construir detalhadamente as relações de Castagneto com seus contemporâneos pode nos pôr diante das (confluências e) influências desses pintores na obra do autor e vice-versa.

Esses autores não foram escolhidos aleatoriamente. Eduardo De Martino e Gustave James são produtores de pinturas de grandes barcos e de grandes eventos, autores reconhecidos em seu contexto histórico. Por exemplo, Dom Pedro II nomeia De Martino como pintor oficial que acompanha *in locu* as batalhas navais da Guerra do Paraguai, para depois retratá-las em suas obras (CAMPOFIORITO, 1983: 50-51).

Castagneto não seguiu a tradição de pintura de marinha histórica, caracterizada pelas representações de grandes barcos que aparecem em acontecimentos históricos, tais como, grandes batalhas, chegadas principescas e de frotas mercantes e expedições a lugares remotos (SLIVE, 1998), embora tenha realizado uma pintura de marinha histórica em 1887 presente no acervo do MASP: *Salva de Grande Gala na Baía do Rio de Janeiro*. Esta é uma tela atípica na produção do artista, por se tratar de uma marinha histórica, especialmente realizada para ser uma proposta de venda a AIBA, no custeio de suas despesas a uma viagem de estudos à Itália. Apesar dessa tentativa e de haver pinturas de sua autoria que retratem grandes barcos, principalmente, no início e fim de sua carreira, Castagneto se preocupou muito mais em retratar as pequenas embarcações, os recantos de praia e seus personagens:

Toda a atenção do artista convergiu para a vida humilde dos pescadores, para os míseros recantos de beira-mar, onde a paisagem, se não houvesse colmo de gente da pesca, que traduzisse a poesia de sua existência obscura, pudesse lembrá-la pela proximidade da terra. (GONZAGA-DUQUE, 1997: p. 55).

Por outro lado, Rouède é caracterizado por ser um pintor de pinceladas rápidas, assim, mesmo quando o tema é uma pintura histórica, não dá o tratamento comum que esta tipologia do gênero marinha exigia nessa época. Esse autor ficou marcado pela sua rapidez no manejo dos pincéis

“... pintava marinhas elétricas, em cinco minutos, nas ‘kermesses’ de caridade” (GONZAGA-DUQUE, 1997: p. 56) e, segundo Teixeira Leite, era “... fruto antes do improvisado que do estudo, um pouco como seu contemporâneo Castagneto, e como ele autor de belas marinhas, cheias de atmosfera e vazadas num lindo colorido e num desenho correto”.(1988). Rouède e Castagneto perfilam, portanto, em outra frente de produção ligada ao mar, caracterizada por uma pintura veloz. Não raro também compartilhavam de elementos mais cotidianos relacionados ao mundo marítimo e fluvial como tema, por exemplo, botes na praia, pequenos trechos de litoral, rios, riachos etc. Importante destacar que apesar das similaridades apontadas por TEIXEIRA LEITE (1988) existem diferenciações claras entre Castagneto e Rouède, por exemplo, a maneira rápida de pintar de Rouède se caracteriza por ser uma espécie de virtuosismo, ou seja, de demonstração do domínio da técnica, enquanto Castagneto não centra seu gestual pictórico para esse fim, e sim para demonstrar a relação dele com o mar, possibilidade de lirismo através do toque de tinta na tela, uma realização interior do pintor.

Uma comparação da produção pictórica de Castagneto com seus contemporâneos acima citados pode nos dar acesso ao contexto artístico da produção de marinhas e a posição do artista estudado no mesmo. Assim nos ajuda tanto a construir um panorama da tradição de pinturas de marinhas no Brasil quanto verificar o *locus* de Castagneto nesse cenário.

Conclusão

A comunicação aqui apresentada pretendeu oferecer novas vias de interpretação das obras de Castagneto: (1) a hipótese de pintar em séries, (2) a pouco estudada trajetória do artista em São Paulo e Santos e (3) o papel de Castagneto na tradição de pintura de marinhas. Ao apresentar os primeiros resultados de minhas pesquisas sobre o pintor Giovanni Castagneto, em especial sua produção de marinhas, pretendo proporcionar novos questionamentos que podem desenvolver uma discussão mais ampla sobre o pintor em questão a partir da percepção dos princípios norteadores da pintura moderna no Brasil.

Referências

- CAMPOFIORITO, Quirino. A proteção do Imperador aos pintores do Segundo Reinado. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1983.
- CAMPOFIORITO, Quirino. História da Pintura Brasileira no século XIX. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1983.
- CLARK, Kenneth. El arte del Paisaje. Barcelona, Seix Barral, 1971.
- GONZAGA-DUQUE, Luiz. A arte brasileira. São Paulo: Mercado de Letras, 1995 (1888?).
- GONZAGA-DUQUE, Luiz. Graves e Frívolos (por assuntos de arte). Rio de Janeiro: Edições Casa Rui Barbosa/Sete Letras, 1997.
- HOUSE, John. Monet: nature into art. New Haven: Yale University Press, 1986.
- JOÃO Baptista Castagneto. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/MNBA, 1944. Catálogo de exposição. Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.
- JOÃO Baptista Castagneto (1862-1900). São Paulo: Sociarte, 1978. Catálogo de exposição.
- LEITE, José Roberto Teixeira et al. Iconografia e Paisagem: Rio de Janeiro: Pinakothek, 1994. (Cultura Inglesa)
- LEITE, José Roberto Teixeira et al. Exposições gerais da Academia Imperial de Belas Artes: período monárquico. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1990.
- LEITE, José Roberto Teixeira. A Belle Époque v. 2. In Arte no Brasil. São Paulo: Abril, 1979.
- LEITE, José Roberto Teixeira. Dicionário crítico da pintura no Brasil. Rio de Janeiro: ArtLivre, 1998.
- LEVY, Carlos Roberto Maciel. Giovanni Baptista Castagneto (1851-1900), o pintor do mar. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982. (Série Ouro)
- LEVY, Carlos Roberto Maciel. O grupo Grimm: paisagismo brasileiro no século XIX. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1980. (Série Prata)
- MAGALHÃES, Ana Gonçalves. Claude Monet: "A Canoa sobre o Epte" e "A ponte japonesa sobre o lagozinho das ninféias em Giverny" do MASP. Dissertação (Mestrado em História da Arte) IFCH-UNICAMP, Campinas: 1995.
- MARQUES FILHO, Luiz César. Catálogo MASP. São Paulo: MASP, 2001. In: Arte do Brasil e demais coleções.
- MIGLIACCIO, Luciano. In AGUILAR, Nelson (org.). Mostra do Redescobrimento. Arte do Século XIX. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo/Associação Brasil 500 anos, 2000.
- MORAIS, Frederico. Gêneros na pintura. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1995.
- MORAIS, Frederico. Panorama das Artes Plásticas: séculos XIX e XX. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1991.
- PEIXOTO, Maria Elizabete Santos. Pintores Italianos no Brasil durante o século XIX. Rio de Janeiro: Pinakothek, s/d.
- REIS JÚNIOR, José Maria dos. História da pintura no Brasil. São Paulo: Leia, 1944.
- SEIBERLING, Grace. Monet's series. New Haven: Yale University Press, 1981.
- SEIS grandes pintores: João Baptista da Costa, Clodomiro Amazonas, Giovanni Battista Castagneto, Antonio Garcia Bento, Pedro Alexandrino e Jurandir Ubirajara Campos. Santos: Fundação Pinacoteca Benedicto Calixto, 1993. Catálogo de exposição.
- SLIVE, Seymour. Pintura Holandesa 1600-1800. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.
- TUCKER, Paul Hayes. Monet in the 90's: the series paintings. New Haven: Yale University Press, 1989.

Referências Iconográficas



Figura 1 - Giovanni Castagneto. *Marinha com barco*, 1895



Figura 2 - Giovanni Castagneto. *Paisagem com rio e barco ao seco em São Paulo "Ponte Grande"*, 1895